

O que você vê, existe?

Ernesto Rosa

Olhe ao seu redor. Tudo o que você está vendo não existe fora do seu cérebro. O que existe é outra coisa, que você não vê.

Os objetos ao nosso redor *não* possuem cores! São todos negros! Quem possuiria cor seria a luz, que pode ser decomposta em arco-íris. Um objeto reflete o azul, outro o vermelho e cada objeto reflete partes diferentes da luz, mas ele mesmo não tem cor. Essas diferentes luzes entram no olho, vão até a retina onde são transformadas em impulsos elétricos que vão ao cérebro. Assim, os cérebros dos animais constroem matizes de cores ou de cinza para distinguir um objeto dos outros, o que permite caminhar. Tirando a luz, desaparecem as cores. Só que a luz também não possui cores. Ela possui comprimentos de ondas ou, nem isso. As cores ou matizes de cinza só existem dentro do cérebro dos animais. Lá fora, tudo é negro. O sol é negro! Se o cérebro não construir matizes, o animal está cego em meio à escuridão e vai se guiar por outro sentido (o morcego matiza pelo efeito Doppler).

Você olha uma flor e diz: "Que cores maravilhosas!" Mas a flor não possui cor! Ela é negra. As cores só existem na sua cabeça. A beleza da flor é construção sua, caso a tenha construído. Olhe ao seu redor. Tudo o que está vendo são imagens construídas na sua cabeça. Por isso você pode sonhar, ter visões e até ver disco voador. No sonho, você vê de olhos fechados. Essas imagens não existem lá fora. Nós não olhamos para fora, olhamos para dentro da nossa cabeça. Vemos o nosso universo interior!

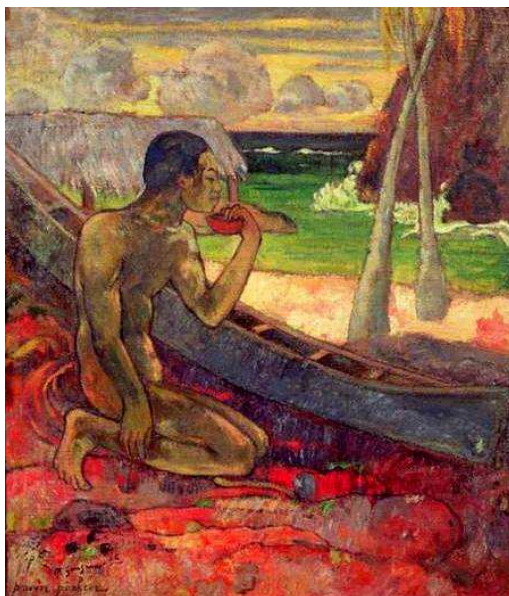
Desde que nascem, os filhotes vão construindo imagens e aprendendo a se guiar por elas por tentativas e erros. Imagens e esquemas, em interação. Seria parecido com guiar um carro com vidros recobertos, olhando apenas um monitor de tevê dentro da cabine. É preciso treinar essa habilidade. Estamos brincando no escuro. É por isso que toda beleza e emoção são construções suas!

Os objetos não possuem cheiros. Os objetos trocam partículas com o meio e algumas entram pelas nossas narinas, e ali são transformadas em impulsos elétricos, que vão ao cérebro. Os cheiros são construções mentais. Lá fora tudo é negro e sem cheiro.

Os objetos não produzem sons. Matérias em movimentos provocam agitação no ar. Essa agitação vai ao ouvido, é transformada em impulsos elétricos, que vão ao cérebro.

Os objetos não possuem sabor nem textura. No cérebro entram impulsos elétricos. O resto é com ele.

A Fernanda Lima é preta, sem cheiro, sem sabor, fria, muda e sem textura. Lá fora é tudo negro, frio, silencioso, inodoro, insípido. No cérebro dos animais é que estão essas sensações que possibilitam a ação sobre o ambiente. A imagem que eu tenho da Fernanda Lima é somente minha, está dentro do meu cérebro. Ela mesma é outra coisa. E eu construí uma imagem muito linda! Para mim! Pode não ser para outro. Cada animal faz sua construção do seu jeito. Pena que a construí sem usar os outros sentidos! A não ser por fantasias.



Construí um sensacional "Concerto em Ré menor", op. 61, de Beethoven, para mim. Os sons maviosos do violino não existem fora do cérebro. Esse concerto só tem significado para quem construiu o significado. É sempre assim! Tem valor para quem construiu o valor. Tem sentido para quem construiu o sentido.

Construí um fantástico "Pobre pescador", de Gauguin, para mim. As cores não existem na tela. Estão no meu cérebro, do meu jeito. Fernanda Lima, Beethoven e Gauguin provocaram essas construções subjetivas.

No cérebro entram impulsos elétricos. Conhecimento não se transmite. Ele é construção mental, individual em cada animal. O tempo todo, os animais "escaneiam" o ambiente ao redor, usando os sentidos para remeter impulsos elétricos ao cérebro, onde serão compostos os conceitos, como esquemas de ações. Esses esquemas de ações são construções cerebrais. De resto, não existe tempo, massa, força e tantos outros truques inventados para dominar a natureza.

Não existem leis da natureza, não existe matemática na natureza: existem na nossa cabeça. Existem modelos mentais úteis. Os cientistas os construíram e cada um de nós os deve reconstruir. Não existe conhecimento lá fora, então a palavra curiosidade muda de sentido para vontade de construir. Não existe o *descubra*, existe o *construa*. Do concreto para o abstrato é absurdo. A evolução não selecionou cérebros para compreender a natureza, mas sim para agir e sobreviver. Para isso, construímos uma útil e organizada natureza subjetiva. Não se pode compreender a natureza objetiva e, também, isso nem interessa. O que interessa é a ação transformadora. Para isso, o cérebro de cada animal constrói esquemas de ações, por tentativas e erros, desde a gestação, a partir da formação do cérebro (dois meses, para o ser humano). Por isso, um velho pensador alemão, dizia: "Não se trata de compreender o mundo, e sim de transformá-lo".

Qual é a função do professor? É provocar construções, sabendo que o conhecimento é construído a partir de conhecimentos anteriores. Por isso é preciso fazer uma avaliação da história prévia do aluno para partir dali, com começo, meio e fim. O aluno não vai diretamente ao fim, a não ser que já tenha construído a mediação.

Agora, com a entrada dos livros digitais, com hipertexto, locução, animações e games, a função do professor ficará bastante alterada. O aluno navegará de acordo com suas motivações.

(Ver **Epistemologia** em www.matinterativa.com.br)



Mais textos curtos e polêmicos no blog:
internestorosa.blogspot.com